

## Memórias de Adriano, Confissão e História

### Mémoires D'Hadrien, Confession et Histoire

---

Nilson Aداuto Guimarães da Silva<sup>1</sup>

**RESUMO:** Buscamos discutir o romance *Memórias de Adriano*, de Marguerite Yourcenar, examinando as relações entre o discurso literário e o discurso de outros campos do conhecimento, como a narrativa memorialística e histórica; e examinando o romance epistolar, próximo da narrativa de confissão. A intertextualidade é um aspecto essencial na composição da narrativa e no discurso dialógico do narrador articulam-se outros discursos, em particular o histórico. O romance assume a feição de uma carta, em que o imperador produz confissões e, por meio de uma longa anamnese, faz um balanço de sua própria existência e do tempo em que viveu; suas memórias pessoais se tornam memórias históricas. Na voz de Adriano falam inúmeras outras, e o retrato memorialístico de sua personalidade, humana por excelência, é também o retrato de uma época; a dimensão sociológica e a dimensão psicológica se associam como em muitas abordagens filosóficas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Marguerite Yourcenar. *Memórias de Adriano*. Literatura e outros campos. Gêneros literários.

Uma das mais comuns caracterizações dos romances de Marguerite Yourcenar é como históricos e humanistas. Resta compreender em que consiste o humanismo e as relações entre Literatura e História presentes na obra da autora.

Em *Memórias de Adriano* (1951), temos já no título a menção ao imperador romano como personagem histórico central cuja vida e feitos se expressam sob a forma de memórias. Trata-se de uma narrativa em primeira pessoa, em que se ouve diretamente a voz de Adriano, numa carta-testamento endereçada a seu neto adotivo, o futuro imperador Marco Aurélio.

O romance, de fato, problematiza a questão das relações entre o discurso literário e a narrativa memorialística e histórica. Diferentemente do historiador que se vale apenas de documentos, a escritora se serve da intuição para reconstruir do interior o destino de Adriano; e este, para contar sua vida, não busca narrar os acontecimentos essenciais, explicá-los, nem organizá-los.

A narrativa de vida não faz da reconstituição do passado um fim, mas antes um meio à disposição de um homem que procura se conhecer antes de morrer. Este desejo de conhecimento de si, inspirado pelo célebre preceito inscrito no templo de Delfos – γνωθι σεαυτον: conhece-te a ti mesmo – revela que Adriano coloca, neste momento crucial de sua existência, a busca da sabedoria

---

<sup>1</sup>Professor Doutor do Departamento de Letras da UFV, atua no Programa de Pós-Graduação em Letras/Estudos Literários.

antes daquela do reconhecimento histórico.

No Oriente pacificado, um jovem da Bitínia, de enigmática beleza, apareceu a Adriano como um descendente dos pastores Árcades. Como uma recompensa interior da política exterior, a Idade de Ouro do império e da pessoa íntima de Adriano coincidem. Desta forma, *Saeculum Aureum*, capítulo de Antínoo, não é um acidente trágico que viria pôr entre parênteses a vida pública do imperador, é o prolongamento e o coroamento das iniciações precedentes. (cf. LEVILLAIN, 1992, p. 113)

A aparição de Antínoo na vida de Adriano tem uma relação com o período místico que este acabava de atravessar. O jovem aparece a seus olhos como uma enigmática figura de transição entre dois mundos e dois modos de pensamento. Por seus ancestrais da Arcádia e por sua fulgurante beleza, ele ressuscita a Grécia mitológica. Seu suicídio premeditado confunde misteriosamente no mesmo ato a morte e o amor. A morte de Antínoo fez Adriano por em cheque sua teoria do contato. O homem que gosta de ordem, que rejeita os excessos de todos os tipos, se acha confrontado ao caos inicial, ao absurdo. (cf. LEVILLAIN, 1992, p. 72)

Em 1926, Yourcenar observava que Bossuet, em sua *História Universal* nos diz que Adriano desonrou seu reinado com seus amores. E Bayle retoma em seu *Dicionário*: “Que pode haver de mais abominável que sua paixão por Antínoo?”. Assim, o projeto inicial da autora teria nascido do desejo de reabilitar o imperador apaixonado. Mas ela se interessa cada vez mais pela personalidade excepcional de Adriano. (cf. LEVILLAIN, 1992, p. 230)

Esta consideração das relações homossexuais de Adriano, que parecem merecer mais atenção do que seus 30 anos de reinado, e que são preconceituosamente condenadas, corroboram a concepção moderna de que a História é um relato, que envolve um processo de escrita, e uma construção, uma criação, marcada pela subjetividade do historiador. A narração constitui a mediação indispensável para fazer obra de historiador e cada vez mais se torna visível na história a marca de quem a escreve. (cf. DOSSE, 2010, p.8)

Durante muito tempo os historiadores deram as costas para a literatura, para aquilo que em sua prática os aproximava dos literatos, a fim de consolidar sua ambição científica, ampliando a ruptura com seu lugar de origem, visto que a história se profissionalizou no final do século XIX, ao romper o cordão umbilical que a ligava às letras clássicas e à antiga retórica.

Hoje, quando já não se crê na possibilidade de uma física social, nem numa ruptura com a história-narrativa, insiste-se ao contrário no fato de que a história reveste-se de um valor polissêmico, designando ao mesmo tempo a ação narrada e a própria narração. Interroga-se novamente sobre a proximidade entre o ato de escrever do historiador e a escrita ficcional, e sobre a legitimidade da fronteira que separa os dois campos. A história se revela reescrita constante do passado em termos do presente, donde a implicação da subjetividade do historiador enquanto indivíduo.

A história é, segundo Paul Veyne, um romance, um relato verídico. É preciso levar em conta o lugar da operação historiográfica, o discurso histórico é relativo a um lugar particular de enunciação e assim mediado pela técnica que faz dele uma prática institucionalizada. Por isso, como afirma Michel de Certeau, “Antes de saber o que a história diz de uma sociedade, importa analisar como ela funciona nesta sociedade”. (CERTEAU, 1975, p.118) A prática da história é correlativa à estrutura da sociedade que determina as condições de um dizer que não seja nem lendário, nem atópico, nem desprovido de pertinência.

Paul Veyne, após citar Popper, para quem “O historicismo toma, falsamente, as

interpretações por teorias”, afirma que “a história é subjetiva, pois não se pode negar que a escolha de um assunto para um livro de história seja livre”. Esta é a visão na Nova História em geral. Segundo Veyne: “Balzac começou fazendo concorrência ao registro civil, depois os historiadores fizeram concorrência a Balzac, que os havia censurado [...] por negligenciarem a história dos costumes.” (VEYNE, 1998, p.32)

Assim, apesar do imenso trabalho de documentação, se *Memórias de Adriano* é um romance histórico, a história é na obra um instrumento posto à disposição de uma introspecção analítica e não o inverso. A História não é convocada por si mesma, é uma fonte para o conhecimento de si, a ficção da autobiografia supera a ficção histórica, e neste sentido trata-se de um romance histórico, de uma narrativa que se situa na encruzilhada da ficção e da História. Hoje, diferentemente da época de Flaubert, a querela entre o historiador profissional e o escritor de ficção histórica não diz mais respeito ao desconhecimento das fontes, mas à ausência de questionamento destas. (cf. LEVILLAIN, 1992, p. 218)

*Memórias de Adriano* revela já de início uma construção ficcional: renunciado a suas atividades em razão do avanço da doença, Adriano decide passar em revista a integridade de sua vida. Sob seu olhar as lembranças afluem, é um material bruto constituído essencialmente de atos. O autor real criou a ficção de um autor falando em primeira pessoa, e o romance pode, portanto, ser visto como uma autobiografia ficcional.

Desde o título, a forma de memórias se impõe como quadro enunciativo do romance; entretanto, há já no início do texto um resvalar da forma memórias para o quadro enunciativo de uma carta do imperador a seu neto adotivo Marco Aurélio. Este desvio para a forma epistolar corresponde ao desvio de um relato histórico dirigido a um leitor ideal e intemporal para um relato testamentário dedicado a um leitor designado por seu nome, Marco Aurélio, e já comprometido com a História enquanto herdeiro de Adriano.

O narrador não respeita tão rigorosamente o uso clássico das formas literárias da carta e das memórias, visto que a forma epistolar é logo substituída pela memorialística. Além disso, a partir da entrada em cena de Antínoo, no capítulo *Saeculum aureum*, o tom e a forma genérica se modificam ainda mais, o registro da fábula supera então aquela da reflexão geral e a confidência oblíqua se transforma em confissão direta. Nota-se a aparição imprevista do tom epistolar íntimo, e todas as outras expressões que são sinais de uma emoção improvisada.

A carta de Adriano remete à tradição da carta dita “moral”, cujos modelos mais célebres são a *Cartas* de Cícero e de Sêneca. Diferentemente de um romance por cartas, cuja tradição é representada no século XIX pelas *Ligações perigosas*, não há aqui nem troca cruzada, nem retomada regular das referências epistolares, nem tessitura de uma relação de comunicação intersubjetiva. As menções do destinatário são breves, esparsas e tendem a despersonalizar o discurso.

A carta “moral” de Adriano descreve de que maneira o aprendizado da morte revela uma experimentação do método de sabedoria estoica: aceitação do inexorável, domínio e desapego das paixões, submissão a uma razão soberana que governa o particular em vista do geral. Contudo, tal carta é também o quadro de uma denúncia da doutrina estoica e uma valorização da experiência particular. Adriano critica a rigidez de tal doutrina e de toda doutrina que encerra a liberdade do indivíduo dentro de um sistema de pensamento. Seu discurso de moralidade associa a forma longa da argumentação à forma lapidar da sentença, que assume frequentemente, por sua vez, a forma específica da máxima, um procedimento retórico privilegiado da escrita de Yourcenar. (cf. LEVILLAIN, 1992, p.58 e 89)

A escolha da autora por Adriano remete a seu interesse pelo imperador, pelo período clássico e pelo humanismo. O livro se constrói segundo os princípios da retórica de oratória: um exórdio, a narrativa da vida de Adriano e um epílogo.

No Caderno de Notas que acompanha *Memórias de Adriano*, Yourcenar cita Flaubert, com uma sentença retirada de sua correspondência, que diz “Os deuses, não existindo mais, e o Cristo não existindo ainda, houve, de Cícero a Marco Aurélio, um momento único em que só existiu o homem.” (YOURCENAR, 1994, p.293) O comentário breve desta sentença feito pela autora revela como este pensamento foi uma das matrizes de sua obra literária.

Para Yourcenar, Adriano foi um gênio político: inovador sem demagogia, legislador com maleabilidade, conservador e visionário. E um grande helenista que traduzia os poetas gregos, o ponto de contato em todo o império romano com o pensamento e a arte gregos. Adriano é visto como o exemplo perfeito do imperador romano, mais humanista que Augusto e mais político que Marco Aurélio, o homem completo que anuncia o príncipe do Renascimento: ao mesmo tempo jurista e artista, estrategista e político, sábio e cínico, erudito e voluptuoso.

A atuação de Adriano é vista no plano de uma filelenização do império romano, como absorção por Roma e suas províncias de um fermento intelectual que só Atenas detinha. Adriano afirma em sua carta: “Foi em latim que administrei o império; meu epitáfio será talhado em latim sobre a parede do meu mausoléu, às margens do Tibre, mas em grego terei pensado e vivido.” (YOURCENAR, 1994, p.43)

O grande mérito de Yourcenar, nestas *Memórias*, está no próprio procedimento de reconstituição imaginária: a restituição da voz própria de Adriano. Ela buscou recriar o equivalente de sua fala interior, seu tom, seu ritmo e suas inflexões correspondentes a certa maneira de pensar e de sentir o mundo que é aquela do século II d.C., que é aquela do indivíduo Adriano mas que é também, podemos acrescentar, aquela de Marguerite Yourcenar. No Caderno de notas das *Memórias*, Yourcenar escreve:

O retrato de uma voz. Se optei por escrever estas *Memórias de Adriano* na primeira pessoa, foi no sentido de eliminar o máximo possível qualquer intermediário, inclusive eu. Adriano podia falar de sua vida mais firmemente e mais sutilmente do que eu. (YOURCENAR, 1994, p.301)

Reconhecendo a voz de Adriano, a autora quis se proibir de falar em lugar dele: o personagem é de seu tempo: inteiramente formado pela cultura greco-romana. Yourcenar, não concorda, portanto, com o leitor apressado que quer fazer de Adriano o duplo da escritora, afirmando: “Adriano é você”. Isto implicaria uma incapacidade de recriar um personagem historicamente plausível. Entretanto, a autora faz ressoar uma voz contemporânea com suas inquietações e seus pressentimentos, suas esperanças também: neste sentido podemos sim ver no romance uma autobiografia disfarçada de seu autor.

O imperador foi dotado pela autora de qualidades que no contexto do pós-guerra tem uma significação simbólica, como a reserva para com todas as marcas de personalização do poder e o uso parcimonioso da palavra, antítese dos discursos prolixos dos totalitarismos. (cf. LEVILLAIN, 1992, p.179)

É natural que a atmosfera contemporânea imprima suas cores à literatura. Yourcenar escreve no contexto da angústia ante as ameaças que pesam sobre a humanidade e do questionamento de todos os valores legados ao Ocidente por séculos de cristianismo, pelo humanismo clássico e da Renascença e pelo cartesianismo. A autora revela em sua produção muitas características que são

comuns à literatura francesa produzida depois da Segunda Guerra Mundial, quando o homem perdeu todos seus suportes, antes de mais nada, o sentido da necessidade e do valor de sua existência que ela recebera sucessivamente de Deus, da crença num universo racional, da ilusão do progresso; quando só lhe resta um mal-estar exasperado pelos acontecimentos trágicos de um século que assiste à convivência da civilização com a barbárie.

Aqui se revela o novo humanismo de Yourcenar, com suas raízes na cultura clássica, expurgado de todo idealismo e de todo otimismo ingênuo. Adriano já detém, junto com sua personalidade humana por excelência, o senso apurado de realidade e a consideração da situação concreta e singular em que se encontra. O Adriano que escreve não é um jovem entusiasmado com o poder nem ensimesmado com a glória, é um velho, já doente e extremamente lúcido. Daí suas reservas com relação ao estoicismo: o que a crença estoica e a de Adriano têm em comum é que, para além das formas sociais de conduta, há uma natureza comum ao homem, a filosofia é a consciência desta natureza, e a sabedoria uma conciliação do particular e do universal, a se reajustar permanentemente.

## Referências

CERTEAU, Michel de. *L'écriture de l'histoire*. Gallimard : Paris, 1975

LEVILLAIN, Henriette. *Mémoires d'Hadrien de Marguerite Yourcenar*. Gallimard : Paris, 1992.

PICON, Gaétan. *Panorama de La nouvelle littérature française*. Gallimard: Paris, 1988.

VEYNE, Paul. Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história. UNB: Brasília, 1998.

YOURCENAR, Marguerite. *Memórias de Adriano*. Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 1994.

DOSSE, François. *L'Histoire entre science & fiction*. Littérature, no.159, 3/2010. « Écrire l'histoire ». Disponível em : [www.fabula.org/revue/document6399.php](http://www.fabula.org/revue/document6399.php), acesso em 28-06-2011

**RÉSUMÉ:** Cet article a pour but la discussion dans le roman *Mémoires d'Hadrien*, de Marguerite Yourcenar, des rapports du discours littéraire et de celui propre à d'autres champs, tel que le récit de l'histoire et des mémoires; en particulier on examine cette œuvre en tant que représentative du roman par lettre et du récit confessionnel. Le roman prend l'aspect d'une lettre, où Hadrien fait ses confessions et un bilan de son existence à travers une longue anamnèse. L'inter-texte y joue un rôle essentiel. Dans la voix du personnage parlent beaucoup d'autres voix, et le portrait de son personnalité, humaine par excellence, c'est encore le portrait d'une époque; la dimension sociologique et la dimension psychologique s'articulent comme dans de nombreuses approches philosophiques.

**MOTS-CLÉS:** Marguerite Yourcenar. *Mémoires d'Hadrien*. Littérature et autres champs. Genres littéraires.